



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, Difference, antagonisms, immanence, life

GRUPO DE ESTUDOS EM ESQUIZOANÁLISE: CONVITE AO TERROR E À LIBERDADE NA FORMAÇÃO CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

André Rossi  [0000-0002-5384-3066](#)

Formação Livre em Esquizoanálise (FLEA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Arthur Marins Franco  [0009-0003-3366-2756](#)

Pesquisador independente, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Kelly Dias Vieira  [0000-002-2888-7219](#)

Formação Livre em Esquizoanálise (FLEA), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Tarso Ferrari Trindade  [0009-0006-0217-6482](#)

Pesquisador independente, Niterói, RJ, Brasil

Victor Hugo Soares Quintan  [0009-0003-5663-9145](#)

Pesquisador independente, Niterói, RJ, Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo realizar um estudo de caso clínico-institucional de um grupo de estudos de esquizoanálise. Partindo da experiência do grupo no que se refere à dificuldade de permanência nele, com entradas e saídas constantes de pessoas, utilizou-se uma metodologia cartográfica com destaque para o acompanhamento de processos e a tomada do coletivo de forças como plano da experiência. Dessa forma, chegou-se à formulação de que tais entradas e saídas seriam um analisador do grupo, podendo esse indicar, no que se refere à leitura da obra de Deleuze e Guattari, a modalidade grupal como uma aposta potente e mais acolhedora não apenas para o estudo desses autores mas também para certa formação clínica. Para além da vivência específica do grupo, tal analisador também pode apontar uma dificuldade no momento atual, em decorrência de nossa sociedade neoliberal, de constituição de grupidades e de fomento pela busca de respostas individualizantes e imediatas para problemas que possuem certa complexidade. Nesse sentido, a criação de grupos surge como um modo de resistência a tal modo de vida neoliberal, indicando possibilidades inauditas de transformação da realidade.

Palavras-chave

Esquizoanálise, grupo, cartografia, clínica, neoliberalismo.

SCHIZOANALYSIS STUDY GROUP: INVITATION TO TERROR AND FREEDOM IN CONTEMPORARY CLINICAL TRAINING

Abstract

This article presents a clinical-institutional case study of a schizoanalysis study group. Faced with the challenge of maintaining stability amidst constant member turnover, a cartographic methodology was employed to analyze this situation. This approach emphasized process monitoring and took collective forces as a plan of experience. The resultant formulation suggests that the flux of members entering and departing serves as an analyzer of the group, which could indicate, concerning the study of the work of Deleuze and Guattari, the group modality as a potent and inclusive avenue not only for engaging with their theories, but also for certain clinical training. In addition to the group's specific experience, such analyzer showed the contemporary challenge in forming groups, due to our neoliberal society, wherein there is a tendency towards seeking individualized and immediate solutions to complex issues. In this sense, the creation of groups emerge as a form of resistance to a neoliberal way of life, indicating unprecedented possibilities for transforming reality.

Keywords

Schizoanalysis, Group, Cartographie, Clinic, Neoliberalism.

Submetido em: 01/04/2024
Aceito em: 06/06/2024

Como citar: ROSSI, André; FRANCO, Arthur Marins; VIEIRA, Kelly Dias; TRINDADE, Tarso Ferrari; QUINTAN, Victor Hugo Soares. Grupo de estudos em esquizoanálise: convite ao terror e à liberdade na formação clínica contemporânea. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51950, jan./jun. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

Introdução

Este é um estudo de caso clínico-institucional, empreendido por cinco pessoas que integraram um grupo de estudos em esquizoanálise durante aproximadamente cinco anos. Tal coletivo tinha como propósito estudar textos selecionados da obra guattario-deleuzeana, incluindo também textos solo de Guattari, com vistas a problematizar o campo da clínica. Em nosso trajeto, notamos certa dificuldade de constituição e de sustentação de uma grupalidade que girasse em torno do estudo de tais escritos. A partir disso, nos pusemos a problematizar nossa experiência e tomamos como objeto de análise o próprio modo de funcionamento do grupo. Tal empreendimento, de saída, poderia suscitar – dentre aqueles familiarizados com esse campo – uma importante indagação: que relevância haveria em fazer uma reflexão ou mesmo escrever um artigo sobre a constituição e o funcionamento de um grupo de estudos em esquizoanálise?

Até pouco tempo, não havia no Brasil instituições de formação ou de ensino que tivessem a teoria de Deleuze e Guattari como foco, excetuando-se o Instituto Félix Guattari em Belo Horizonte e a Escola Nômade em São Paulo.¹ Em instituições de ensino superior no campo da psicologia, são raras as disciplinas, os cursos, estágios supervisionados que trabalham com a esquizoanálise ou mesmo que possibilitam uma sistematização de seu estudo e de sua prática clínica.² Ainda hoje, muitos iniciam o contato com a obra dos autores supracitados através de grupos de estudo informais. Nesse sentido, talvez as considerações aqui propostas possam ajudar aqueles que buscam um primeiro contato com a esquizoanálise, de forma coletiva, com o objetivo de refletir sobre os desafios, vicissitudes e peculiaridades na transmissão e aprendizado grupal dessa abstrusa teoria.

Assim sendo, destacamos aquilo que, no modo de funcionamento de nosso grupo, intuímos ser um analisador: as entradas e saídas frequentes de pessoas e a dificuldade de permanência no grupo. Nossa hipótese era de que esse analisador dizia respeito a certo embaraço com a esquizoanálise, considerada por muitos como um pensamento de difícil acesso, e também à adversidade trazida pela modalidade de estudos em grupo. Dessa forma, para analisar o modo de funcionamento do grupo, utilizamo-nos de metodologia cartográfica, que inclui elementos da socioanálise – como a noção de analisador e de pesquisa-intervenção – e, também, pistas próprias,³ como o acompanhamento de processos e a tomada do coletivo de forças como plano da experiência. Ponderando que tal analisador poderia dizer algo para além de nossa própria experiência grupal, nos debruçamos na tentativa de dar um contorno a ela.

Acreditamos que a conclusão desta empreitada forneça pistas que nos auxiliem a pensar formas mais convidativas para o estudo em grupo do pensamento de Deleuze e Guattari e também a afirmar o dispositivo grupal como uma aposta pujante na experimentação com a obra mencionada, dadas as características singulares dela. Além disso, a afirmação de práticas grupais, no presente, carrega consigo uma escolha ética e política frente ao individualismo crônico tão significativamente atrelado ao capitalismo

¹ Trindade, *Introdução à Esquizoanálise*, pp. 183.

² Rossi, *Formação em Esquizoanálise*, p. 41.

³ Para mais informações sobre estas pistas do método cartográfico ver: Escossia; Tedesco, *Coletivo de forças como plano de experiência cartográfica*, pp. 92-95; Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, pp. 56-58.

neoliberal. A multiplicação de grupos, afirmando a potência de coletivos, surge como resistência ao discurso atual que estimula a busca por soluções individualizantes aceleradas para questões sociais e políticas de natureza complexa.

1. Histórico do grupo

O grupo de estudos em esquizoanálise, provavelmente homônimo de tantos outros, proposto por um de seus integrantes, o coordenador, iniciou seus trabalhos no final de 2018. Fazendo uma análise de como a oferta foi feita, podemos passar por alguns fatores: valor, descrição dos objetivos e itinerário de leitura. O valor a ser pago, desde o início, marcava um lugar de coordenação, mas não se tornava empecilho total já que era flexível às pactuações de redução ou de ausência de pagamento. Nos objetivos lia-se: "Leitura guiada das obras de Deleuze e Guattari em parceria e Guattari em separado – incluindo livros, entrevistas e comentadores – visando obter pistas para uma prática clínica em esquizoanálise com indivíduos, grupos e instituições". O grupo, embora tivesse um itinerário bem marcado em Deleuze e Guattari, com ênfase para o último, objetivava discussões voltadas à promoção de pistas para uma prática clínica. O itinerário de leitura foi criado pelo coordenador e se dividia em três módulos, designados de "Guattari 60", "Deleuze e Guattari 70-80" e "Guattari 80", em clara divisão cronológica e por autores, focado na prática clínica. O primeiro módulo elencou quatro textos presentes no livro *Psicanálise e transversalidade*, obra que Guattari publicou em 1972 compilando textos de 1955 a 1969. O segundo módulo elencou dois capítulos e mais cinco "platôs" presentes respectivamente em *O anti-Édipo* e *Mil platôs*, obras que Deleuze e Guattari publicaram respectivamente em 1972 e 1980. O terceiro módulo elencou textos não muito bem definidos, presentes nos livros *Micropolítica: cartografia do desejo* (1986), *Guattari: confrontações* (2016) e *Caosmose: um novo paradigma estético* (publicado no Brasil em 1992), definindo as produções já traduzidas para o português (ou originárias em português) circunscrevendo a última fase da produção guattariana. Essa divisão não foi fortuita, pois baseou-se em uma ideia, a das três esquizoanálises precursoras,⁴ referenciadas nas práticas e escritos de Guattari, a saber: a) análise institucional guattariana (até 1972); b) esquizoanálise guattario-deleuzeana (eixo *O anti-Édipo* – *Mil platôs*, 1972-1980); c) esquizoanálise guattariana (1980-1992).

Toda operação de eleger precursores é uma espécie de pactuação de um campo, já que a busca por origem é algo esdrúxulo, pois, como nos ensina Foucault,⁵ na origem não há o monumento, somente o disparate, o jogo de forças. Precursores são aqueles que entendemos por consenso e/ou disputa que vieram antes. Em segundo lugar, essa divisão diferencia filosofia da diferença de esquizoanálise, já que foca o ponto de partida das primeiras práticas guattarianas com Psicoterapia Institucional, com a psicanálise lacaniana e com a militância política. Certamente, no mesmo período, Deleuze havia escrito obras fundamentais que dão estofamento para a escrita conjunta tanto antes de seu encontro quanto durante as formulações em dupla, mas foi mister focar nas práticas clínicas e de intervenção e não exclusivamente nas práticas com o conceito.

⁴ Rossi, *Formação em esquizoanálise*, p. 143.

⁵ Foucault, *Nietzsche, a genealogia e a história*, p. 19.

O grupo inicia bifurcado, constituindo dois pequenos grupos, pois eram muitos os interessados que não podiam participar no mesmo dia. O impacto inicial foi difícil e rapidamente um dos grupos não prosseguiu seu percurso em razão da saída da maioria dos integrantes. Fixaram-se as terças-feiras à noite para a reunião do grupo restante, das 19h00mn às 21h00mn, quinzenalmente. Nos primeiros anos, o grupo se reuniu numa sala localizada no centro da cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, migrando para a modalidade *online* – em decorrência da pandemia –, forma pela qual se encontrou até o seu término, em 2023. A metodologia escolhida pelo grupo era mista. Os textos do itinerário de leitura eram lidos antes por cada um e também lidos conjuntamente durante o encontro. Nossa programática também se mostrou porosa, pois adicionamos uma obra que dava contexto àqueles textos tão difíceis – o livro *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografias cruzadas* (2010), do historiador François Dosse. Esse sim, líamos em casa, e as dúvidas suscitadas e comentários pertinentes trazidos para o grupo contextualizavam os demais textos. Também adequados, adicionamos dois capítulos do *Psicanálise e transversalidade*, de acordo com interesse do grupo, e um capítulo de *O anti-Édipo* (2010), o primeiro, já que originalmente iniciariamos a leitura diretamente do quarto capítulo. Em seguida, finalizamos o apêndice de *O anti-Édipo* (2010), seu “balanço programa” – por entendermos fazer parte do último capítulo, embora tenha sido escrito um ano depois, em 1973 –, que em parte responde às críticas ao livro e também faz novas proposições. Posteriormente entramos em *Mil platôs*, mais precisamente, nos platôs sobre a linguística, tema geralmente deixado de lado nos grupos de estudos de Deleuze e Guattari, frequentados em sua maioria por pessoas do campo da psicologia. Nossa jornada como grupalidade termina em meio a essa leitura.

Sabemos que há dificuldades com o modelo de grupo e com a obra. Ler juntos, em um ritmo lento e dedicado, enfrentando o tempo que se estende (foram praticamente cinco anos) e a geografia que se modifica (o grupo persistiu mesmo nas exigências da pandemia e na passagem ao *online*), seleciona de alguma forma os participantes. De qualquer maneira, este é um grupo que propôs um modo de estudo que se diferencia de aula, cursos, palestras, seminários ou congressos. Constituiu um coletivo do qual fizeram parte, no seu último ano de funcionamento, seis pessoas. Quatro assíduas no grupo de estudo e duas ausentes das leituras, mas presentes nas discussões que se travavam no grupo de *whatsapp*. De toda feita, cinco delas se organizaram para constituir a primeira versão deste relato e análise (em torno de um ano antes do grupo ter encerrado suas atividades).

2. Como se formam os esquizoanalistas? O que fazem?

De acordo com alguns autores,⁶ a formação do esquizoanalista deve ser pensada de maneira transinstitucional. O que isso quer dizer e como se relaciona ao caso do grupo? A proposta traça uma linha de fuga da dicotomia que emperrava o campo da esquizoanálise na América Latina, recolocando o problema em termos de complexidade e adicionando tecnologias pedagógicas de que há muito tempo já dispúnhamos. Desviando de um antagonismo entre o “devemos fazer formação em esquizoanálise” e o “não se pode

⁶ Vieira; Miranda; Rossi. *As necessárias inconclusões da esquizoanálise*, p. 125; Rossi, *Formação em esquizoanálise*, p. 148.

fazer formação em esquizoanálise", adicionamos a complexidade transinstitucional à perspectiva da formação, tentando conjugar o desejo notório de nos organizarmos em grupo à necessidade de mantermos acesa a chama da crítica institucional às "igrejinhas", como as designava Guattari.⁷ Essa formulação se calca certamente em proposições teóricas como a da multiplicação dos dispositivos formativos, incluindo aqueles que tentam interferir no excesso institucional gerado pela produção grupal que, sem cuidado, podem escoar para disputas de poder, disputas de autorias, rachas e ressentimentos.⁸ Contudo se baseia fundamentalmente na observação de como nos formamos ao longo dessas décadas e desde as experiências inaugurais na década de 70 em torno da psicanálise, da socioanálise, das leituras e experimentos em volta dos primeiros escritos de Deleuze e Guattari e das teorias e práticas grupelistas.⁹ Essa observação mostra que a formação clínica não se encerra e nem nunca se encerrará em nenhuma escola, curso ou organização. Destarte, não é a formatura que faz o clínico, mas sua formação que já aponta para um processo que nunca se finda. Se não é do âmbito de um curso que ao final se evidencia um profissional todo montado, é do espectro de um percurso que não se para de traçar e percorrer. Assim, se o percurso se faz passando por dispositivos que são criados por iniciativa autogestiva ou por dispositivos organizados no fio de uma formação,¹⁰ pretende-se que neles não haja recurso de hierarquia e devam ser reconhecidos pela própria comunidade de experiência e de saber.

Desde as primeiras experiências formativas da psicanálise que há uma intuição de que existem experiências necessárias para se formar um clínico, não importando, aqui na nossa argumentação, a ritualística ou os dispositivos que tentarão levar os formandos a isso. É necessário entrar em contato, ter uma experiência vívida com a prática clínica: acolher a demanda de pessoas, grupos ou instituições que lhe colocam uma problemática ou um sofrimento. É necessário poder se expor a um coletivo e construir o sentido dos casos que nos chegam em um grupo que faça a função de supervisão¹¹ – covisão ou intervisão, não importa o termo, se a prática for de construção coletiva. Finalmente, é necessário entrar em contato e ter experiência com a teoria que, junto da supervisão, recorta uma certa amorfia da vivência clínica com ferramentas conceituais, ao mesmo tempo em que a produz. Essas experiências podem ser feitas em formações formalmente propostas ou no percurso pessoal, informal de ajuntamento de dispositivos.

Em pesquisa de doutorado em que se utilizou de metodologia cartográfica,¹² alguns resultados, ou percepções colhidas, já que se trata de uma cartografia, podem nos auxiliar a pensar na dimensão grupal no que se refere aos estudos esquizoanalíticos. A pesquisa teve o objetivo de investigar: afinal, o que fazem os esquizoanalistas? Os resultados apontaram seis práticas recorrentes: a) esquizoanalistas estudam; b) consideram a perspectiva corporal em sua clínica; c) realizam trabalhos grupais; d) participam de supervisão clínico-institucional; e) criam e inventam dispositivos e f) fazem esquizodrama. Toda cartografia aponta para o acompanhamento de um movimento em um plano de forças,¹³ portanto são conclusões provisórias apontando para um plano local

⁷ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*, p. 125.

⁸ Rossi, *Formação em esquizoanálise*, p. 108.

⁹ Rossi, *Formação em esquizoanálise*, p. 57.

¹⁰ Rossi, *Formação em esquizoanálise*, p. 69.

¹¹ Coutinho; Medeiros; Trindade, *Supervisão em grupo*, p. 39.

¹² Vieira, *Esquizoanalistas*, p. 93.

¹³ Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, pp. 58-59.

(latino-americano) e contemporâneo. Chama muita atenção o fato de essas ações parecerem estar presentes de forma ativa nas práticas do grupo de profissionais entrevistados durante a pesquisa e, em alguma medida, estar presentes também nos participantes deste grupo, todos psicólogos clínicos. Mas, para não nos afastarmos muito da proposta deste texto, nos concentraremos aqui em dois aspectos: os esquizoanalistas estudam e organizam grupos. Estudar parece ser uma prerrogativa de qualquer prática profissional. Então, estuda-se Medicina e se forma uma (um) médica (o), estuda-se Biologia e temos uma (um) bióloga (o), quase que numa consequência. Na prática, sabemos que não é bem assim. Muitos se formam sem estudar ou se dedicando minimamente ao que é necessário para concluir cursos e receber títulos, e muitos outros não participam de um processo formal de educação e ainda assim são capazes de formular questões complexas e produzir conhecimento sobre diversos assuntos, como é o caso exemplar do próprio Guattari.¹⁴

A atividade clínica não é prerrogativa do campo "psi" (Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise), mas há uma associação significativa no Brasil entre a esquizoanálise e a graduação em psicologia – o que não acontece na Europa – que reporta de forma assistemática a designação "esquizoanalista" às pessoas que trabalham com a clínica. A graduação em Psicologia, de uma maneira geral, apresenta uma carga considerável de leituras bastante complexas, dentre elas, filosóficas, antropológicas, sociológicas, que servem (ou deveriam servir) para a formação de profissionais críticos, conscienciosos de seu tempo e que tenham responsabilidade para com suas intervenções. Estudar não é tarefa fácil. E, no nosso entendimento, sequer é algo prévio, que antecede ao formar-se. Em nossa prática clínica, percebemos que estudar é uma ação para além da formação. É algo que precisa estar presente em nosso cotidiano porque possibilita ampliar nossa capacidade de compreender e sermos afetados pelas questões complexas que nos surgem no fazer clínico. Essa tarefa, essa ação, às vezes requer silêncio e solidão, é verdade. Entretanto, pode ser também mais alegre e solidária. Não dizemos com isso que estudar sozinha (o) não seja uma tarefa alegre, contudo o compartilhamento, a solidariedade, a generosidade e possibilidade de troca que há em um grupo de estudos, pelo menos neste, de que fizemos parte, contribuiu muitíssimo para essa prática formativa no cotidiano, principalmente em dois aspectos: a) a noção de grupo ou coletividade como resistência ao modo indivíduo, tão presente na sociedade capitalista e b) a de grupo de estudos como enfrentamento da dificuldade diante de uma teoria complexa.

Muitos dos entrevistados na referida pesquisa de doutorado¹⁵ relataram sua dificuldade e espanto ao se aproximarem da obra esquizoanalítica. Para alguns membros do nosso grupo de estudos não foi diferente. Aspectos como a liberdade de poder iniciar a leitura de onde quiser, a ideia de ser afetado pelo livro ao invés da obrigação de compreendê-lo, a diversidade de áreas do conhecimento/saber que compõem a proposta guattário-deleuzeana¹⁶ e até mesmo a dificuldade com a língua francesa, que às vezes

¹⁴ Dosse, *Gilles Deleuze e Félix Guattari*, pp. 72-73.

¹⁵ Vieira, *Esquizoanalistas*, p. 95.

¹⁶ Nem todo grupo de estudos em esquizoanálise precisa estar centrado nos precursores, enfrentando, portanto, problemas relacionados à língua francesa. Tem-se hoje em dia muitas produções latino-americanas a esse respeito. Contudo, tendo a filosofia da diferença como um dos fios constitutivos desse campo, invariavelmente encontrar-se-ão textos de alta complexidade, por exemplo, no que tange à produção de subjetividade, do funcionamento do inconsciente ou mesmo da produção social.

precisa ser traduzida para que se possam compreender algumas citações e menções dos autores, assustam e afastam muitos que se aventuram nessa trajetória esquizo. Por isso, sustentar um aprendizado-revisão-troca de saberes e afetos em um grupo de estudos de esquizoanálise se faz tão pertinente, principalmente nos dias atuais, em que impera a cultura neoliberal do “eu”, do sucesso individual, das receitas prontas de felicidade, dos treinamentos estilo *coaching*, de ascensão social via meritocracia e outros. Este grupo, que já foi maior e menor também, já recebeu profissionais psi e teve mais fôlego em alguns momentos do que em outros; já teve uma participação mais igualitária entre gêneros – na última configuração eram duas mulheres e quatro homens – e já precisou refrescar a cabeça com um chope gelado no calor niteroiense. Contudo, ele se sustentou de maneira firme, comprometida, alegre e potente para produzir novos momentos possíveis.

3. Sobre o método de análise desta pesquisa

Antes de passarmos ao item que trata do analisador, achamos pertinente discorrer um pouco sobre algumas características do método aqui empregado para analisar nosso objeto de investigação. Por meio de uma breve exposição de duas pistas do método cartográfico, consideramos que será esclarecido para o leitor o modo como selecionamos os dados experimentados que utilizamos para efetuar a elucubração proposta. Ao mesmo tempo, observar-se-á como esses dados estão em conformidade com a cartografia aqui realizada.

Se procuramos apontar que a formação de esquizoanalistas se dá de maneira transinstitucional e se julgamos pertinente nos lembrarmos da importância e das dificuldades envolvidas na tarefa de estudar, própria desse processo, foi porque é da *experiência* de compor um grupo que estuda esquizoanálise que nos interessa falar. Mais especificamente, o que nos moveu foi uma impressão que nos deu pistas e que nos permitiu aproximarmo-nos daquilo mesmo de que já nos ocupávamos havia alguns anos naquelas terças-feiras: do campo esquizoanalítico de saber. O que a frequente entrada e saída de novos membros podia dizer da esquizoanálise, de um processo de formação clínica e do contexto social em que eles se dão e que estivesse para além da individualidade dos membros ou das circunstâncias específicas de composição do nosso grupo? Com essas perguntas em mente, nos pusemos a organizar os dados de nossa experiência segundo o método da cartografia, tomando como indicação duas das pistas do método: o acompanhamento de processos e a tomada do coletivo de forças como plano da experiência.

Em detrimento de que no método cartográfico não se trabalha com uma coleta e um processamento de dados, pensados a partir de um objeto fixo e estanque, a primeira pista dessa metodologia nos aponta para a processualidade do objeto, que emerge daí como objeto-processo.¹⁷ Esse método “requer uma pesquisa igualmente processual, e a processualidade está presente em todos os momentos – na coleta, na análise, na discussão dos dados”.¹⁸ Por isso fala-se em colheita de dados. Nesse sentido, apontamos que, em nossa trajetória como grupo de estudos, as entradas e saídas nos afetavam de

¹⁷ Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, p. 59.

¹⁸ Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, p. 59.

algum modo. Assim, isso nos impulsionou a problematizar nossa experiência, mais precisamente, o modo de funcionamento do grupo no momento mesmo em que ele acontecia, ou seja, em meio ao seu processo de estudo. Isso acabou por gerar questões como "por que é difícil as pessoas permanecerem?", "será que a dinâmica do grupo e/ou o que a gente estuda é 'expulsativo'?", "é porque em um grupo de estudos a pessoa precisa se implicar mais do que em um curso?". A partir das impressões produzidas por nossas vivências e pelas indagações acima mencionadas, fomos intuindo – quando nos pusemos a escrever a primeira versão deste texto – que talvez estivéssemos frente a um analisador. Dessa forma, efetivamente foram sendo construídos os elementos de análise que aqui neste artigo desdobramos em três direções: questões com a teoria de Deleuze e Guattari, percurso formativo clínico e constituição de coletivos no neoliberalismo. Tal é a condição de quem cartografa: encontrar-se "sempre na posição paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações".¹⁹

Por esse viés, a segunda pista vem para reforçar pragmaticamente a primeira: como parte do processo do qual emerge esse objeto-processo que procuramos analisar, foi como coletivo que empreendemos nossa pesquisa. Seguindo as indicações contidas nessa pista do método, consideramos que o coletivo aqui compreende a relação entre dois planos que produzem a realidade: o plano das formas e o plano das forças. Atentos à composição do plano das formas com o plano das forças, ou seja, à maneira com que "as formas resultam dos jogos de forças e correspondem a coagulações, conglomerados de vetores",²⁰ o que se buscou analisar neste artigo, portanto, é o que o analisador entradas e saídas permitiu sabermos ou inferirmos acerca da relação do grupo de estudos com esses planos. Nesse sentido, ao nos debruçarmos em nossa análise do funcionamento do grupo, nos perguntamos: a dificuldade de permanência apontava uma coagulação daquele coletivo, ou seja, um enrijecimento? Poderia o coletivo, ao se enredar na problematização de seu próprio modo de funcionamento, encontrar uma compreensão dos efeitos de sua dinâmica que apontasse para algo além de sua experiência? Concomitantemente com a reflexão das impressões vivenciadas pelo grupo sobre sua dinâmica, o coletivo se pôs a pensar a respeito das ideias e conceitos que poderiam nos auxiliar nessa empreitada. Após muita leitura e discussão, foram se abrindo os caminhos que nos levaram a desdobrar a análise nas três direções acima apontadas.

Dessa maneira, de forma muito didática, podemos dizer que o passo a passo para a produção deste artigo teve vários momentos: incômodo com as entradas e saídas constantes, reflexão sobre isso – que nos afetava – , tentativa de compreender essa vivência, elaboração de uma hipótese primeira, ideia de escrever um artigo, escolha do material a ser analisado, seleção de textos, análise do objeto-processo construído coletivamente, desenvolvimento da análise e abertura nas três direções citadas e considerações finais, apontando a que conclusões chegamos em nosso percurso.

4. Analisadores entrada-saída e relação com a teoria

Em nosso trajeto, houve uma constante que atravessou o grupo e sobre a qual achamos pertinente empreender uma análise. Trata-se da frequente entrada e saída de

¹⁹ Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, p. 58.

²⁰ Escossia; Tedesco, *Coletivo de forças como plano de experiência cartográfica*, p. 94.

peessoas e a pouca adesão delas ao grupo, se comparado ao número de entradas. Talvez esse seja um dos fenômenos que mais experimentamos naquele espaço de estudos: a dificuldade de permanência. Era muito comum chegarem participantes interessados, porém não permanecerem mais do que alguns encontros. Isso foi notório também com a não adesão de pessoas a um dos grupos iniciais. Inquietos com a repetição desse cenário, tomamos tal acontecimento como um analisador do modo de funcionamento do grupo e então nos pusemos a pensá-lo a partir de certa perspectiva. A hipótese conjecturada era de que esse analisador poderia estar relacionado à dificuldade em ler os textos complexos da esquizoanálise e ao mesmo tempo dizia respeito ao formato grupal de estudos.

De acordo com Rossi e Passos,

O analisador é um conceito-ferramenta forjado por Guattari ao longo de vários anos, exposto no livro *Psicanálise e transversalidade* [...] no sentido químico, é aquele ou aquilo que provoca análise, quebra, separação, explicitação dos elementos de dada realidade institucional. Ele pode ser tomado tanto como o evento que denuncia, quanto aquele portador da potência da mudança. [...] se dadas as condições necessárias. [...] têm materialidade expressiva totalmente heterogênea, podendo ser um acontecimento, enunciação, indivíduo ou técnica, não tendo forma de irrupção privilegiada na fala.²¹

Essa análise não exclui que outros elementos e explicações a respeito de nossa experiência possam advir; trata-se apenas de uma tentativa do grupo de dar um sentido para aquilo que vivenciamos recorrentemente.

Uma das primeiras conjecturas que fizemos foi a respeito da natureza de um grupo de estudos. Diferentemente de um curso, onde a pessoa poderia ocupar uma posição passiva, apenas sendo depositário do conhecimento de um professor, um grupo de estudos requer dos participantes uma posição ativa, um esforço de perseverar junto aos textos trabalhados, muitas vezes enfrentando – como é o caso da obra de Deleuze e Guattari – conceitos de difícil apreensão. A sustentação de um não-saber, a dificuldade com as ideias expostas demanda certa paciência e espera, pois a compreensão dessa obra não se dá da mesma forma que com outros autores. Mais do que um entendimento acerca do que Deleuze e Guattari estão dizendo, a obra deles nos convoca a sermos afetados pelo seu conteúdo e também a criarmos algum sentido a partir desse conteúdo. A esse respeito, o próprio Deleuze afirma a necessidade de “[...] tratar a escrita como fluxo, não como um código”²² a ser decifrado. A pergunta “o que isto quer dizer?” não caberia em obras como *O anti-Édipo* e *Mil platôs*, pois trata-se aí, nesses escritos, não de uma busca de sentido (como a pergunta acima expressa), mas de se deixar afetar pelo texto, produzindo assim um sentido a partir dele. Deleuze²³ pensa a leitura e a escrita, o que compreende o modo como seus livros foram escritos e também como poderiam ser lidos, em sua face intensiva. O ponto principal é: como tal livro o afeta? O que esta leitura lhe provoca? Deleuze e Guattari falam e escrevem por afectos, intensidades. No próprio *O anti-Édipo* isso fica explícito quando eles dizem:

Na linguagem e na própria escrita, ora as letras como cortes, como objetos parciais despedaçados, ora as palavras como fluxos indivisíveis, como blocos indecomponíveis

²¹ Rossi; Passos, *Análise institucional*, p. 175.

²² Deleuze, *Carta a um crítico severo*, p. 15.

²³ Deleuze, *Carta a um crítico severo*, p. 16.

ou corpos plenos de valor tônico, constituem signos a-significantes que se entregam à ordem do desejo, sopros e gritos.²⁴

Uma leitura intensiva de um livro requer se deixar ser afetado por ele, trata-se de algo que passa ou não passa, do tipo ligação elétrica. Nada a compreender ou a explicar.²⁵ Nesse sentido, os autores veem o livro como uma pequena máquina em conexão com outras máquinas. O fulcro são as relações do livro que os leitores estabelecem com outros componentes de suas vidas, como ele se conecta com elementos exteriores ao próprio livro. Esse modo de ler uma obra, de se relacionar com ela, não é nada trivial e requer um esforço, só que de uma natureza outra. É preciso fazer experimentações com o texto, saboreá-lo, se demorar nele o tempo que for necessário até que algum sentido se produza, que alguma conexão seja feita. Não se trata aqui de uma afirmação moral, de um jeito “certo” de se ler um livro, mas, sim, de uma abertura, de uma mudança de perspectiva frente ao modo tradicional de se encarar uma obra escrita. Isso diz respeito a multiplicar os modos de se usar os textos e de se conectar com ele, e é essa a proposta mesma de Deleuze e Guattari.

Em não constituindo uma leitura exegética, puramente conceitual, de que modo estamos nos apropriando dos escritos desses pensadores? Asseveramos, mais uma vez, tratar-se aqui de uma leitura clínica. Melhor dizendo, no contato com essa obra tentamos extrair pistas para se pensar a prática clínica, seja ela no consultório particular, seja na rede de saúde mental. Não se trata de um sentido utilitarista, mas do intuito de nos ajudar a problematizar o ofício clínico, seus desafios no contemporâneo, enfim, de pensar esse campo de atuação como um todo.

5. Pistas clínicas: de um tempo para as intensidades como exercício clínico

Dentre as seis atividades elencadas na pesquisa acima mencionada²⁶ que redundam na prática do esquizoanalista, destacamos duas: estudar e fazer grupo. Se são Deleuze e Guattari nossos precursores por aclamação – aqueles que por consenso entendemos que vieram antes de nós – igualmente acolhemos Freud como precursor daquilo que foi tomado pela dupla como alvo de extensa análise e crítica em *O anti-Édipo*. Aqui lembramos do tripé da formação clínica do psicanalista:²⁷ análise pessoal, supervisão e estudo. Nesse sentido, o estudar e o organizar grupo dos esquizoanalistas são propriamente um entrar em contato com a clínica, um encontrar-se clínico.

Sendo assim, a intensa flutuação dos membros do grupo pode ser tomada como um exercício clínico. Mas em que sentido? Ao lidar com as presenças e ausências, o grupo se deparava de algum modo com sua finitude, ou seja, com a perspectiva de seu término, de seu fim. As entradas e saídas eram uma lembrança de que a morte do grupo devia estar incluída na experiência do grupo. Em nossas atividades de leitura e discussão de um texto agenciador do estudo, o grupo precisava se colocar em questão, porque, de certa forma, a formação de grupos é uma matéria para a esquizoanálise. Nosso grupo,

²⁴ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 323.

²⁵ Deleuze, *Carta a um crítico severo*, p. 17.

²⁶ Vieira, *Esquizoanalistas*, p. 107.

²⁷ Freud, *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*, p. 215.

assujeitado pelo vai e vem dos novos membros, vivia a própria tentativa de “tenta assumir o sentido de sua própria práxis e instaurar-se como grupo-sujeito, colocando-se assim numa postura de vir a ser o agente de sua própria morte.”²⁸ Nessa dimensão do estudo, importaria menos o conteúdo do que está sendo debatido pelos integrantes, ficando isso em segundo plano (mas ainda assim presente) em prol de uma experiência com os índices maquínicos pululantes do grupo.

Podemos afirmar que a presença e a ausência em um grupo que problematiza sua própria grupalidade, ou seja, que está aberto à possibilidade de sua própria morte, são, de certa forma, um convite ao terror, a uma experiência assustadora²⁹ e a uma promessa de liberdade. Poderia esse convite ser remetido ao analisador entradas e saídas? E pode ser ele em si mesmo convidativo? No contexto da atividade clínica, não seriam as experiências frequentes de luto que nos chegam através dos pacientes – com certa recorrência durante o contexto pandêmico – a evidência de que um analista deve poder suportar as experiências de ausência e presença tanto quanto lhe for possível, ainda que delas se façam diferentes manejos? Traçar as coordenadas dessas vivências a partir de uma perspectiva clínica já era, portanto, parte do convite para o estudo. Estudar sim, ler também e, mais ainda, sempre habitar o problema das presenças, das ausências e da finitude – tal como experimentamos no grupo a variação de entradas, permanências e saídas.

Gostaríamos de destacar ainda outra pista clínica a partir do referido analisador. Se há no grupo um convite a uma experiência de terror e a uma almejada liberdade – vivência de uma presença-ausência imperativa a uma clínica – há também, entre a intensidade assignificante e a significação do texto, uma vivência do tempo que em si mesma é uma resistência à pressa, tão característica da subjetividade neoliberal contemporânea e que, como já dissemos acima, pode dificultar a apreciação e o estudo de uma obra.

Em 1936, Walter Benjamin escreve *O narrador*, texto em que descreve a queda da narrativa oral no capitalismo em favor de outro modo de contar histórias, o romance. Para ele, a narrativa era, dentre outros fatores, própria de um tempo em que o trabalho manufaturado favorecia a troca de experiências passadas oralmente e de uma experiência de grupo, de coletivos formados no âmbito de atividades artesanais, manuais. Contar histórias aparece, na nona tese do texto, como próprio de um tempo em que o tempo não conta. A subjetividade que “não cultiva mais aquilo que não pode ser abreviado”³⁰ era, já então, identificável pelo autor como uma mudança predominante ou verificável em uma alteração no modo de compartilhamento de experiências. Quase noventa anos depois, Maria Rita Kehl, em seu livro ganhador do prêmio Jabuti *O tempo e o cão: a atualidade das depressões* (2009), toma Benjamin (e tantos outros) como interlocutor para, numa longa argumentação onde percorre diversas proposições sobre as experiências do tempo na atualidade, afirmar que “é razoável supor uma relação entre o aumento dos casos de depressão e a urgência que a vida social imprime à experiência subjetiva do tempo”.³¹ Entre Benjamin e Kehl, o que se apresenta? Um sofrimento concernente à urgência. O modo de vida no qual o tempo está igualado ao dinheiro deve ser tão irresistível quanto adoeecedor. Pode a leitura de textos em que o conteúdo, o objetivo, o sentido e o lucro

²⁸ Guattari, *A transversalidade*, p. 116.

²⁹ Franco, *O brincar como devir*, p. 128.

³⁰ Valery apud Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*, p. 223.

³¹ Kehl, *O tempo e o cão*, p. 116.

estão postos em segundo plano suscitar uma experiência do tempo outra, ligada à tal imanência entre o terror e a liberdade? E pode ela ser convidativa e fazer frente a uma temporalidade conformada ao dinheiro?

Posto que: 1) as entradas e saídas nos colocam a pensar em pistas clínicas relativas às atividades que o grupo realizou em sua íntima relação com o texto e os precursores e que: 2) essa atividade pode ser lida como um convite a uma dimensão assustadora da vida – o terror – sem a qual não há liberdade, podemos dizer que se entra, se sai e se permanece no grupo na busca dessa experiência, que é também clínica. Nesse sentido, as entradas e saídas são tanto o analisador que nos permite reconhecer um certo modo de clínica e de existência, que no próximo item identificaremos como neoliberal, quanto o que torna palpável o plano de forças que as compõem. Inseparáveis da proposta mesma do grupo, elas são modos de lidar com o que é assustador na clínica e na vida, ao mesmo tempo em que tornam evidente que certa forma de constituir grupariedades pode ser uma resistência a determinado modo de vida que estimula experiências individualizantes e soluções rápidas para questões que demandam outra vivência compartilhada do tempo.

6. Do sentido da política a política do sentido

No momento de confecção da primeira versão destas linhas, o grupo se colocava o trabalho de analisar certos vetores de forças que o compunham. É como se o grupo, ao utilizar as ferramentas-conceito propostas pelo campo teórico que estudava para empreender uma análise de seu próprio modo de funcionamento, abrisse um campo de possibilidades para outras formas de configuração. Este “texto-agenciamento” foi, também, uma experiência de construção de *sentido*, que foi *sentida* de forma heterogênea e impactou diretamente nos possíveis *sentidos* no que dizia respeito aos rumos do grupo. Sentido em três dimensões: como significado, como particípio passado do verbo sentir e como direção. Essa performatização do indeterminado na figura do sentido aqui descrita pretende, esperamos, preservar também sua dimensão convidativa.

Todavia, é preciso ressaltar que, para pensar esse fenômeno, é importante estar sensível às diferentes linhas que se compõem em cada novo encontro, seja pela leitura, pelo cuidado que dedicamos ao acolhimento de eventuais questões pessoais que emergem do convite à presença, por uma intimidade desenvolvida em diversos graus, compartilhada e vivida pelos integrantes, seja pelas peculiaridades do contexto macropolítico que nos atravessava como vetor de força a ser levado em consideração. Para isso foi preciso fazer com que essas linhas emergissem às vistas dos componentes do grupo.³² Porém, assim como a inexorável marcha do tempo, questões não paravam de passar, causando, muitas vezes, apenas um certo estranhamento que não é da ordem do saber, do conhecer, do inferir ou do representar, mas, sim, de um regime de *sentidos* como afetos que mobilizavam o grupo.

Cartografar a experiência grupal é, portanto, para além de acompanhar os processos, refletir sobre os atravessamentos políticos que sentimos.³³ Sensibilizar-se diante do processo de produção de subjetividade no regime capitalista é parte integrante

³² Escossia; Tedesco, *Coletivo de forças como plano de experiência cartográfica*, pp. 99-100.

³³ Pozzana de Barros; Kastrup, *Cartografar é acompanhar processos*, pp. 72-73.

desse método. E, tendo em vista que a cartografia não diz respeito só a uma observação passiva dos fenômenos, mas também a uma forma de intervenção, resistir às tendências de codificação, cristalização, hierarquização e burocratização, ela pode ser lida também como uma forma de se fazer política. Sendo assim, pensar o processo de subjetivação típica do capitalismo, principalmente na sua forma neoliberal, pode ser um caminho para se obter pistas sobre os fenômenos que foram sentidos pelo grupo e resistir às capturas desse modo de produção, que consiste em codificar o que há de indeterminado na atividade humana.

Autores contemporâneos como Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker chegam em um ponto comum sobre uma característica importante do sistema neoliberal: os processos de produção de subjetividade possuem papel preponderante no modo de produção atual.³⁴ Além de teóricos, filósofos e cientistas, essa posição é reforçada por Margaret Thatcher, uma das maiores estadistas do início dessa nova racionalidade, quando disse que "economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma".³⁵ Hoje, algumas décadas depois, essa afirmação se confirma através de uma lógica do empreendedorismo, que estimula certa circulação de afetos e medeia uma produção de sujeitos estruturados como empresa, em um contexto de concorrência que traz para as microrrelações um constante cálculo de lucro e produtividade. É preciso, portanto, ampliar o sentido de política para chegar ao liame dessas questões:

O conceito de política com que trabalhamos pressupõe esse sentido ampliado que não se restringe ao domínio específico das práticas relativas ao Estado. Retomando a etimologia da palavra, *politikós* diz respeito a tudo que se refere à cidade, sendo a arte e a ciência de governar o Estado apenas um de seus aspectos. Com esse sentido ampliado, a política é a forma de atividade humana que, ligada ao poder, coloca sujeitos, articula-os segundo regras ou normas não necessariamente jurídicas e legais. Não mais pensada exclusivamente a partir de um centro de poder, [...] a política se faz também em arranjos locais por microrrelações, indicando essa dimensão micropolítica das relações de poder.³⁶

Para avançar na reflexão sobre o analisador considerado, foi necessário falar sobre a relação do sujeito com o tempo, fazer emergir as linhas referentes à gestão neoliberal das subjetividades, falar sobre o que nos atravessava como grupo que se inscreve nesse paradigma e, a partir de um exercício clínico, resistir política e intensivamente ao feito do tempo. É nesse ponto que o dispositivo escrita-texto pode inaugurar um novo momento do grupo. Um momento que dizia respeito à abertura, não só a novos membros, mas a novas atividades, novos encontros e novas operações das ferramentas-conceitos, numa aposta de traçar uma transversal que possibilitaria estar inserido dentro da lógica capitalista e, mesmo assim, convidar a fazer frente ao regime de narratividade vigente que captura sentidos e modula o que é sentido.

O que todo esse debate sobre o capitalismo neoliberal contribui para um estudo de caso do grupo? Quando nos perguntamos "o que fazem os esquizoanalistas?", chegamos a duas pistas sobre a nossa prática: eles estudam e fazem grupos. Sendo assim, perguntamos: estudar e se organizar em grupo pode ser considerada uma tarefa de formação clínica e de resistência política?

³⁴ Safatle; Silva Junior; Dunker, *Introdução*, p. 10.

³⁵ Thatcher *apud* Safatle, *A economia moral neoliberal e seus descontentes*, p. 24.

³⁶ Barros; Passos, *Por uma política da narratividade*, p. 150.

7. Considerações finais

A partir da nossa experiência grupal de muitas entradas e saídas, que dificultavam o coletivo de tomar uma consistência, pensamos que seria importante problematizar o modo de funcionamento do grupo. Esse foi nosso objeto de análise. Ao refletirmos sobre isso, partindo da nossa vivência, intuímos que havia aí um analisador. De que? De que talvez a teoria de Deleuze e Guattari fosse “expulsativa” ou que, ao menos, dificultava a permanência das pessoas, pelo seu grau de complexidade, e que o formato coletivo para o estudo continha em si suas peculiaridades.

Ao empreender o método da cartografia para análise de nosso objeto, levando em conta a hipótese do analisador entradas e saída, encontramos algumas pistas que nos indicaram que de fato há uma questão com a obra de Deleuze e Guattari, pois ela opera por uma lógica diferente daquela a que estamos acostumados, funcionando muito mais a partir de paradoxos, leitura intensiva e aberturas de sentido. Outro ponto é que a proposta de estudar por meio de um formato grupal vai contra a corrente neoliberal do individualismo, que igualmente nos impõe uma relação acelerada com o tempo, dificultando, assim, nos debruçarmos detidamente, e coletivamente, sobre uma teoria complexa. Por essa perspectiva, chegamos à conclusão, neste artigo, de que, ao sustentar todas essas dificuldades, o grupo estava tomando uma atitude formativa clínica e uma direção política de resistência. Em decorrência de um neoliberalismo tão afeito a soluções individualistas e rápidas para problemas intrincados e de natureza multifacetada, formar grupos, permanecer juntos pode ser um ato de resistência frente à *démarche* de nosso tempo.

Entendendo que as entradas e saídas podem igualmente remeter a uma experiência de finitude, como exercício clínico-político, o grupo também pode experimentar certa abertura à indeterminação, ou seja, às variações pelas quais passa um coletivo quando há uma grande flutuação de seus membros e que pode ter como destino seu término. Asseveramos neste artigo que se tratava de uma experiência de terror e de liberdade, terror diante dessa abertura que poderia levar ao fim do grupo e liberdade diante da possibilidade de se criar outros dispositivos, outros possíveis para suas vivências. Nesse viés, concluímos que vislumbrou-se outro indicativo de formação clínica, pois ao lidar com as presenças e ausências de seus participantes e a possível finitude do grupo, surge a possibilidade de acolher de outras formas as diversas experiências de luto no contemporâneo – que o trabalho clínico viabiliza através dos pacientes atendidos.

Ao escrever este texto, mais do que tentar criar um outro dispositivo, fazer uma depuração do analisador citado, ou mesmo uma cartografia de si, antes mesmo de qualquer ideia ganhar materialidade, nosso intuito foi experimentar. Tomamos a liberdade de olhar para o nosso coletivo e, a partir do dissenso que o encontro entre singularidades produz, nos deparamos com as intensidades que nos recortaram e que foram recortadas no dia a dia dos participantes até o término do grupo, tendo esse coletivo podido fazer parte de novas experiências que se abriram para seus membros. Assim, criamos, conectamos e produzimos este texto, atentos aos movimentos desejantes daquela grupalidade e da conjuntura política que nos cercava, e ainda cerca, analisando nosso modo de funcionamento em termos de uma coletividade de forças. Para isso, buscamos

aliados não apenas para compor o nosso grupo mas também para que outros possam se sentir inspirados a construir seus próprios coletivos.

Do particular ao geral, sabemos que os autores com os quais trabalhamos pensam o conhecimento sempre como local e não como universal. Essa tentativa de olhar para nossa própria experiência grupal de estudos não tinha uma intenção solipsista que, se assim fosse, estaria reproduzindo fielmente a marcha individualista de nosso tempo. Por isso afirmamos, à guisa de conclusão, ser importante a constituição de grupos. Que possamos, portanto, multiplicá-los; espalhar-nos por tramas diversas que contemplem não apenas grupos de estudos ou de trabalho acadêmico mas coletivos de base, artísticos, culturais, de comunicação, autogestão, sociais, políticos, em espaços os mais diversos: campos, praças, favelas, corporações, ambientes virtuais e onde mais for possível fazer passar linhas de resistência e de desejo. Por esse viés, é preciso, também, cuidar para que esses grupos possam resistir a uma cristalização do sentido de suas práticas, questionando e problematizando sua dinâmica de funcionamento regularmente, tomando uma direção de inventividade. Para tanto, apostamos nessa trama de grupos-sujeitos que realiza uma análise das forças que operam no seu interior e à sua volta, para que assim, na indeterminação desse processo, possam submeter o individualismo e as grupalidades constritoras à potência criativa de um desejo insurrecto e transformador da realidade.

Referências

- BARROS, Regina Duarte Benevides; PASSOS, Eduardo. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 150-172.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- COUTINHO, André Rossi; MEDEIROS, Edmárcio; TRINDADE, Tarso Ferrari. Supervisão em grupo: considerações sobre um dispositivo clínico-institucional. *Mnemosine*, v. 8, n. 2, pp. 24-50, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. Carta a um crítico severo. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, pp. 11-22.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografias cruzadas*. Trad. Fatima Murad. Porto Alegre: ArtMed, 2010.
- ESCOSSIA, Liliana da; TEDESCO, Sílvia. Coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulinas, 2009, pp. 92-108.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996, pp. 15-38.
- FRANCO, Arthur. *O brincar como devir: da criatividade primária às práticas da liberdade*. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- FREUD, Sigmund. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 1996 (1919 [1918]), pp. 215-220.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUATTARI, Félix. A transversalidade. In: GUATTARI, Félix. *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Aparecida: Idéias & Letras, 2004, pp. 101-117.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

POZZANA DE BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulinas, 2009, pp. 52-75.

ROSSI, André; PASSOS, Eduardo. Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa intervenção no Brasil. *EPOS*, v. 5, n. 1, pp. 156-181, 2014.

ROSSI, André. *Formação em esquizoanálise: pistas para uma formação transinstitucional*. Curitiba: Appris, 2021.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. Introdução. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp. 09-13.

SAFATLE, Vladimir. A economia moral neoliberal e seus descontentes. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp. 17-46.

TRINDADE, Tarso Ferrari. Introdução à Esquizoanálise: um breve percurso por alguns conceitos e ideias de Deleuze e Guattari. In: GOMES, Sergio; PAIVA, Rosa Lúcia (orgs.). *Nebulosa Marginal: teoria e clínica*. Rio de Janeiro: INM editora, 2022, pp. 183-198.

VIEIRA, Kelly Dias; MIRANDA, André; ROSSI, André. As necessárias inconclusões da esquizonálise: experiências de formações transinstitucionais. *LaDeleuziana*, n. 9, pp. 115-127, 2019.

VIEIRA, Kelly Dias. *Esquizoanalistas: o que fazem? uma cartografia da clínica esquizoanalítica na psicologia*. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOBRE AS AUTORAS

André Rossi

Doutorado e mestrado pelo PPGPSI – UFF. Atua na clínica em consultório particular e como coordenador, professor e supervisor clínico-institucional da FLEA. Dedica-se na Formação e em grupos independentes à pesquisa sobre práticas e saberes esquizoanalíticos. *E-mail:* a.rossi.psi@gmail.com.

Arthur Marins Franco

Psicólogo clínico, formou-se pela esquizoanálise e se vê um psicanalista em devir. Doutorando em psicologia clínica pela PUC-Rio, pesquisa: "o ambiente e os processos atuais de subjetivação", membro do GBPSF, do LAPSU-PUCRio e pesquisador do NEPECC-UFRJ. Mestre em Psicologia clínica pela PUC-Rio, graduado em Psicologia pela UFF-Niterói e em Relações Internacionais pela UFRJ. *E-mail:* arthur.mfranco2@gmail.com.

Kelly Dias Vieira

Psicóloga Clínica, Professora e Supervisora da Formação Livre em Esquizoanálise – FLEA Doutora em Psicologia (PUC Minas). Mestra em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (UFMG). Pós-Graduação Latu Sensu: Análise Institucional, Esquizoanálise, Esquizodrama (Instituto Félix Guattari, Belo Horizonte). Membro do "Grupelho" (FaE/UFMG). *E-mail:* diasvieirakelly@gmail.com.

Tarso Ferrari Trindade

Graduado em psicologia pela UEM. Mestre e doutor em psicologia pelo PPGPSI – UFF, linha de pesquisa Clínica e Subjetividade. Atua como psicólogo clínico em consultório particular e já lecionou em universidades públicas e privadas. *E-mail:* tarsoferrari@gmail.com.

Victor Hugo Soares Quintan

Graduação em psicologia pela UNIVERSO. Mestrando em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pelo PPGBIOS – UERJ. Bacharel em psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira. Atua como psicólogo clínico em um referencial transdisciplinar. Interesses de pesquisa: estudos da subjetividade e pensamento decolonial. *E-mail:* victor.quintan@gmail.com.